

NOTAS PEQUENAS

16-3-66

Rubem Braga

COMECAREI falando do «show» de Sérgio Stanislaw Porto de Ponte Preta no «Zum-Zum», que é muito bom. Tem Araci de Almeida, a Sierra Maestra de nossa música popular, tem Billy Blanco, que é o herdeiro mais legítimo de Noel Rosa de «Conversa de Telefone» e outras coisas desse gênero, e o conjunto de Roberto Menescal, tudo isso cozinhado sábiamente por Aloísio de Oliveira: muita inteligência, muita graça e muita bossa.

Direi também que fui à abertura da exposição de Quáguia no Museu Nacional das Belas Artes. Pintura da melhor qualidade, tendência expressionista; também aparecem as gravuras feitas especialmente para a edição limitada de «A Morte» de Manuel Bandeira — cujo Manuel, por sinal, está em Teresópolis, onde estive com ele sábado, muito vivo, encantado com os bois e as vacas pastando em sua rua.

Tinha muita gente na exposição inclusive a jovem desenhista Marta, que me disse que faz coisas abstratas, mas — digo eu — se tivesse juízo passaria anos a fazer auto-retratos, pois tem uma cabeça de beleza emocionante.

Apareceu em Curitiba a revista «Forma», cujos diretores são Filomena Gebran Velloso e Cleto de Assis, uma revista gráficamente bela que dá notícia de toda a vida cultural do Paraná. E no Rio o «Relatório Reservado», escrito por pessoas que vivem por dentro das coisas da economia, das finanças e da política: Hedil Rodrigues Valle, Hermano Alves, Paulo Silveira e Wagner Teixeira. Agora não jogo mais na bolsa sem consultar o R. R.

Eu estava escrevendo essas notinhas quando apareceu aqui em casa um amigo meu que esteve conversando outro dia com um chefe da falecida UDN, a quem o marechal Castelo Branco teria confidenciado o seguinte: que os grandes males do Brasil são três — a imprensa, o sexo e o comunismo.

Teria o presidente dito essa coisa com o ar triste e grave. Confesso que não estou completamente de acordo. Em todo caso o comunismo anda muito enfraquecido; quanto à imprensa, o remédio seria talvez acabar com ela, pois a verdade é que, tirante o «Diário Oficial», todos os jornais são dispensáveis.

Acabar com o sexo é que vai ser um pouco mais difícil, pelo menos enquanto não se inventar para nós, pobres mamíferos, um sistema de reprodução mais tranqüilo. Enfim, nunca se sabe: quem nos diz que um novo Ato Institucional não resolveria a questão?